

*Élisée Reclus e o círculo de geógrafos anarquistas
(1872 – 1890)*

*Élisée Reclus and the circle of anarchist geographers
(1872 – 1890)*

*Élisée Reclus y el círculo de geógrafos anarquistas
(1872-1890)*

José Vandério Cirqueira
IFB – Riacho Fundo
jose.vanderio@ifb.edu.br

Resumo

O objetivo principal desse trabalho é fazer breve percurso pela vida e obra do geógrafo francês Élisée Reclus, entre os anos de 1872 a 1889, com a intensão de demonstrar seu envolvimento com o movimento anarquista e como o mesmo buscou aproximar essa teoria das liberdades com o pensamento geográfico. A aproximação entre geografia e anarquismo ocorreu devido ao vínculo estabelecido entre Reclus e demais personagens anarquistas de sua época constituindo um círculo de estudos em torno da geografia e do anarquismo comunista.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Geografia anarquista. Círculo.

Abstract

The main objective of this work is to make a brief trajectory of the life and work of the French geographer Élisée Reclus between the years of 1872 and 1889, with the intention of demonstrating his involvement with the anarchist movement and how he sought to bring this theory of freedoms closer to the Geographic thought. The approximation between geography and anarchism occurred due to the established link between Reclus and other anarchist characters of his time constituting a circle of studies around the geography and communist anarchism.

Keywords: Élisée Reclus. Anarchist Geography. Circle.

Resumen

El objetivo principal de este trabajo es hacer un breve viaje a través de la vida y trabajo del geógrafo francés Élisée Reclus, desde 1872 hasta 1889, con la intención de demostrar su participación en el movimiento anarquista y cómo buscó acercar esta teoría de las libertades al pensamiento geográfico. La aproximación entre geografia y anarquismo se produjo debido al vínculo establecido entre Reclus y otros personajes

anarquistas de su tiempo que constituyen un círculo de estudios sobre geografía y anarquismo comunista.

Palabras clave: Élisée Reclus. Geografía anarquista. Círculo.

Introdução

Élisée Reclus (1830 – 1905), anarquista e ativista revolucionário que se envolveu com a Comuna de Paris (1871), foi preso e exilado, tendo pena comutada para banimento da França, seguiu essa nova fase da vida na Suíça, lugar e período com intensa vida dedicada ao engajamento político radical e aos estudos geográficos.

O período compreendido entre os anos de 1872 a 1890 na vida de Reclus será marcado pelo envolvimento com o círculo de geógrafos e demais revolucionários de áreas diversas que se dedicaram a estabelecer as bases para uma geografia anarquista comunista, destoando das tradicionais concepções imperialistas do saber geográfico produzido na época.

Descrivendo essa parte da vida de Reclus, o objetivo principal deste trabalho é demonstrar a sua produção intelectual e o seu envolvimento com demais anarquistas da época, que ao criarem uma *intelligentsia* de geógrafos anarquistas, lançaram as bases para a composição dos princípios da geografia anarquista comunista, que por sua vez, ficou parcialmente esquecida no curso da história do pensamento geográfico.

Um segundo exílio e o envolvimento com os anarquistas

Em seu segundo exílio¹, agora na Suíça, Reclus passará por este período marcado por ampla produção bibliográfica e retomará também suas relações com os anarquistas, inclusive Bakunin, que reside em Zurique. No mesmo ano que chegou à Suíça nosso geógrafo anarquista firmou contrato com a editora Hachette para finalmente escrever sua *Nouvelle Géographie Universelle*, sua maior obra de geografia, com 19 volumes, e cerca de 900 páginas cada.

A Hachette foi convencida pelo argumento de que a Geografia Universal de Malte-Brun já havia sido publicada a mais de 50 anos, necessitando escrever uma nova, com atualizações, mas mantendo o caráter enciclopédico, sendo publicados gradativamente em numerosos pequenos fascículos. Por sua vez, a editora restringiu qualquer vinculação religiosa, política e social da obra, pois, mesmo sabendo da certa notoriedade que Reclus tinha adquirido como escritor de geografia, não aprovava sua relação com o movimento revolucionário anarquista. Mas conforme mostra Ferretti (2011a) em importante tese sobre essa obra de Reclus, com pesquisa ampla e apurada ele confirma que o autor manteve, mesmo diante da censura da Hachette, tom libertário,

¹ A vida de Reclus é marcada por três exílios e diversos momentos de perseguição política em virtude de seu envolvimento com os movimentos revolucionários, seja o de 1848, a Comuna de Paris, em 1871 e a I Internacional. Mais detalhes sobre a vida e a obra de Reclus ver Nettlau (1928), Sarrazin (1985) e Giblin (1986).

perfazendo seu percurso anteriormente indicado com *La Terre*, que almejava fazer uma geografia eminentemente anarquista.

Esse período de 1872 a 1890 na vida do geógrafo anarquista será marcado por maior produção teórica em geografia e também maior dedicação teórica ao anarquismo. Depois da torturante prisão resultante do envolvimento com a Comuna de Paris, em 1871, ele vai buscar amadurecer sua noção de anarquismo coletivista, de base bakuniana, se aproximando do que posteriormente ficou conhecido como anarquismo comunista.

O tempo que Reclus ficou exilado na Suíça realizou diversas viagens à Milão e se envolveu diretamente com os internacionalistas italianos, marginalizados da I Internacional Socialista por Marx, além de ter contribuído com a organização e publicação dos manuscritos de Bakunin, iniciando no ano de 1874, que o pediu esse trabalho por estar sentindo grande cansaço de sua vida militante, além de estar visualizando também que sua vida estava chegando ao fim (SARRAZIN, 1985). Logo depois, em 1876 Bakunin veio a falecer. A segunda esposa de Reclus também veio a falecer, só que no ano de 1874, por complicações no parto junto com o filho. Em decorrência dessa tragédia ele se mudou para Vervey, nas proximidades de Genebra, pois necessitava estar próximo de uma cidade de maior tamanho, dotada de boas bibliotecas, ficando também, ativamente integrado ao movimento revolucionário anarquista.

Desse modo, ingressa-se na Federação Juraciana, uma das mais importantes organizações anarquistas da Europa na época, com posicionamento frontalmente contrário ao socialismo liderado pela figura de Marx, que havia expulsado Bakunin da Internacional em 1872, os anarquistas italianos e os confederados do Jura (como ficou conhecida essa federação suíça) em 1873.

Esse período conflituoso no seio das ideias revolucionárias e a forma como ocorreu essa cisão no interior do movimento dos trabalhadores promoveu profunda distinção entre os socialistas autoritários e os socialistas libertários. Esse cisma, alimentado por divergências ideológicas e metodológicas da luta política, configurará grande fragmentação no movimento revolucionário, separando entre dois polos opostos os ativistas radicais da época.

Para criar um anarquismo comunista

No interior da Confederação do Jura, Reclus encontrará terreno satisfatório para multiplicar suas produções e especulações teóricas sobre o anarquismo, produzindo juntamente com James Guillaume, Carlo Cafiero e Piotr Kropotkin o que posteriormente ficou conhecido como Anarquismo Comunista, conforme destaca Nettleau (2008, p. 188), na qual,

Kropotkin entendeu-se, então, com Dumartheray e com Herzig do grupo de Genebra, depois com Reclus e com Cafiero – provavelmente entre julho e setembro de 1880 – para propor à Federação jurassiana que aceitasse em seu congresso (9 e 10 de outubro) o comunismo anarquista: o que foi feito. [...] Cafiero

pronunciou o discurso “Anarchie et communisme”. Kropotkin e Reclus difundiram a ideia anarco-comunista em inúmeros discursos, e o congresso a adotou. [...] Este termo *comunista anarquista* disseminou-se rapidamente na França. Um cartaz de janeiro de 1881 menciona: *Communismo libertário e anarquista*.

Em outro trabalho, Nettleau (1928), ao desenvolver importante biografia de Reclus, buscou definir quatro grandes momentos que marcaram a evolução da sua concepção de anarquia: a primeira fase ocorreu quando Reclus escreveu o manuscrito entre 1849 e 1851, intitulado de *Desenvolvimento da Liberdade no Mundo*, e aqui, definimos essa fase de anarquia metafísica; o segundo momento foi em virtude do discurso pronunciado em 1868 no Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, em Berna, intitulado de *Federalismo e Divisões Territoriais*, ocasião em que se aderiu ao federalismo coletivista bakuniano; no terceiro momento, frente ao artigo publicado em 1873 no *L'Almanach du Peuple*, cujo título *Quelques Mots sur la Propriété*, Reclus irá entrar na frase transicional entre o coletivismo e o comunismo; e na última fase, o anarquismo comunista, que irá defender até o final da vida, o marco é o discurso pronunciado em 18 de fevereiro de 1876 em Berna, onde pela primeira vez define seu anarco-comunismo ou socialismo libertário, como marco da cisão com o socialismo autoritário.

O primeiro encontro de Reclus com Kropotkin ocorrerá em fevereiro de 1877, na cidade de Vevey. Este encontro consolidou em uma profunda amizade, ainda mais em virtude de Kropotkin também ser geógrafo, com grande habilidade nos assuntos relacionados a geografia física. “L’amitié entre Reclus et Kropotkine s’est nourrie d’estime réciproque; ces sentiments, au cours de leur vie, ne se sont jamais démentis”² (SARRAZIN, 1985, p. 177).

Os dois irão desenvolver as bases fundadoras da geografia anarquista e introduzirão no anarquismo o discurso geográfico, pela entrada aberta pela *episteme* comunista, ao considerarem como preponderantes os assuntos vinculados ao federalismo e as questões das fronteiras, conflitos e enfrentamentos ao poder estatal. Além disso, evidenciaram a constituição de pesquisas sobre as comunas e suas organizações autonomistas de governabilidade libertária, introduziram ainda no anarquismo a preocupação com as questões urbanas, a separação dos homens e as questões industriais, e de tal modo deram forte ênfase às questões agrárias e a luta campesina, principalmente pelos trabalhos de Kropotkin (1892, 1910) intitulados *Champs, Usines et Ateliers* e *La Conquête du Pain*.

Segundo Lourenço e Buen (1986), Reclus e Kropotkin iniciarão juntos o desenvolvimento de um trabalho restrito às questões metodológicas e epistemológicas da geografia, que iriam chamá-lo de *Esboços Geográficos*, mas infelizmente esse projeto nunca foi concluído. Por outro lado, a colaboração de Kropotkin com o geógrafo francês foi considerável, pois ele revisou diversas partes relacionadas à geografia física de *Nouvelle Géographie Universelle*, escreveu grande parte do volume dedicado à Rússia e

² “A amizade entre Reclus e Kropotkin se nutriu de estima recíproca; estes sentimentos, no curso de sua vida, jamais serão abalados”.

aos países asiáticos e contribuiu enormemente com dados técnicos e experiências que Kropotkin fez nos países submetidos aos climas frios e polares, em especial à região da Sibéria.

Ce volume, le sixième de la *Nouvelle géographie universelle*, n'est signé que d'un seul nom et n'a été rédigé que par une seule personne; mais, comme les précédents, il appartient, pour une bonne part, à des collaborateurs, que je tiens à remercier de leur précieux concours. M. Kropotkin surtout peut revendiquer bien des pages de ce livre. Faisant revivre pour moi le souvenir de ses explorations géologiques dans la Sibérie orientale et dans la Mandchourie, et m'a communiqué ses notes et ses observations et m'a indiqué, ce qu'il pouvait mieux que personne, la valeur relative des mémoires insérés dans les publications scientifiques russes³ (RECLUS, 1881, p. 893).

Quando Kropotkin criou o periódico *La Révolte* em Genebra, que após sua prisão foi fechado e depois reaberto, passando-se a denominar de *Le Révolté*, Reclus contribuiu intensamente com a produção de textos anarquistas, traduções de diversos idiomas de outras produções libertárias e, por um tempo, coordenou a revista no período em que Kropotkin foi preso, recolhendo diversos textos do geógrafo anarquista russo para os congregarem no livro *Palavras de um Revoltado* (KROPOTKIN, 2005).

O círculo de geógrafos anarquistas

Reclus convidou o grande cartógrafo, também anarquista internacionalista Charles Perron, estabelecido em Genebra, para desenvolver todos os inúmeros mapas e cartas topográficas contidos em sua geografia universal. Além dele contratou também um assistente para ajudar levar para frente esse enorme projeto de geografia, Gustave Lefrançais, que depois foi substituído pelo viajante explorador e geógrafo Metchnikoff, que não largou mais ele até os últimos trabalhos. Este russo anarquista participou da expedição de Mille, em companhia de Garibaldi, além de ter viajado pelo Extremo Oriente, vivendo bom tempo no Japão, contribuindo enormemente com os fascículos dedicados ao Japão e os outros países do extremo oriente, pois era grande conhecedor dessa região, conforme destaca Pelletier (2007).

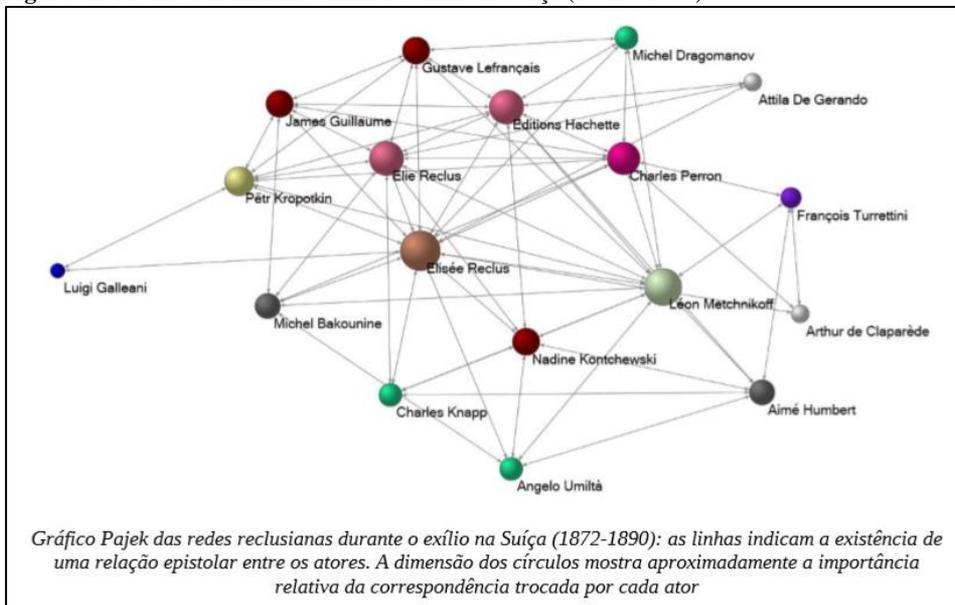
Além do periódico agora denominado de *Le Révolté*, coordenado por Kropotkin, o periódico *Le Travailleur*, coordenado por Reclus e Perron, serão espaço de construção geográfica libertária, seguindo aquela máxima reclusiana de fazer geografia com anarquia e anarquia com geografia. Reclus obteve a contribuição de outros anarquistas para qualificar mais ainda o trabalho de *Nouvelle Géographie Universelle*, como os nomes de

³ Este volume, o sexto da *Nouvelle géographie universelle*, não destacou somente um único nome e nem foi redigido por apenas uma única pessoa; mas, como os precedentes, ele constitui, em uma honrosa parte, a seus colaboradores, que tenho que agradecer-lhes por suas preciosas contribuições. O senhor Kropotkin, sobretudo pode reivindicar boas páginas deste livro. Fazendo-me reviver a lembrança de suas explorações geológicas na Sibéria oriental e na Manchúria, ele me comunicou suas notas e suas observações e me indicou que poderia melhor que minha pessoa dar o valor relativo das memórias inseridas nas publicações científicas russas.

Dragomanov, junto com Lefrançais e Desjardins, conforme já foi citado, trabalhavam contribuindo com a correção da monumental geografia universal e no periódico *Le Travailleur*, como também, Slomezynski, que se encarregava de produzir os mapas da região do Cáucaso, Oriente Próximo e Médio, pois as conhecia muito bem.

Ou seja, a geografia anarquista de Reclus estava sendo feita em meio a uma *intelligentia* marginal anarquista, de diversificada composição acadêmica, como geógrafos, sociólogos, historiadores e cartográficos, mas alinhada ao anarquismo comunista em voga, nos círculos marginais heterodoxos de Genebra e do Jura, conforme representa o fluxograma (ilustração 1) desenvolvido por Ferretti e Pelletier (2013). É importante observar também os outros nomes que figuram como: Bakunin, Élie Reclus, Aimé Humbert, Attila de Gérando e Dragomanov como outras importantes contribuições desse círculo libertário.

Figura 01: As redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872 – 1890)



Fonte: FERRETTI, F., PELLETIER, P. Indígenas do Universo: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. *Revista Território Autônomo*, nº 2. Outono de 2013, p. 5 - 16.

Esse inovador círculo de debates e de práticas políticas, essa espécie de *intelligenstia* geográfica anarquista, é singular em decorrência de ter introduzido o saber geográfico em sua agenda, fato inaceitável em qualquer círculo de discussões revolucionárias de cunho socialista, sempre foram mais inclinados aos estudos da história e das ciências sociais, econômicas e políticas. Esse período de exílio na Suíça será o mais rico na formação do pensamento geográfico de Reclus, e também na sua anarquia, fundamento moral e político de sua geograficidade.

Entre viagens e uma escrita geográfica engajada e original

Outro elemento diferencial desse período está ligado às diversas outras viagens que Reclus teve que realizar para cumprir com qualidade sua geografia universal, que por sua vez, induziram a proliferação de suas atividades pedagógicas. Esse campo de estudo continuamente presente no pensamento reclusiano merece maiores pesquisas acadêmicas, principalmente sobre a forma como ele define o ensino de geografia, mais significativamente em virtude da emergência de temas ambientais e ecológicos, por ele negar toda essa vulgarização e insuficiência crítica libertária que distingue o social do ambiental.

Em suas viagens por Londres, Bruxelas e Estocolmo, e pelos países: Austrália e Hungria, por exemplo, Reclus foi passando e ministrando diversos cursos, que buscou classificá-los de *geografia comparada no espaço e no tempo* (RECLUS, 2010b). É o caso de Genebra, na Universidade de Neuchâtel, que também discorreu conferências de geografia, conforme explicou a seu amigo Gérando em carta de 15 de fevereiro de 1876, na qual disse que, quando passava “quelques jours à Genève où la municipalité m’a demandé de faire un cours. J’ai choisi pour sujet de mes conférences ‘la Méditerranée et les Peuples de son bassin’. C’est un cours de géographie appliquée à l’histoire”⁴ (RECLUS, 1911, t. II, p. 177).

Sempre combatendo os manuais de geografia e almejando uma geografia cada vez mais vivaz e instigante, que leve o indivíduo ao descobrimento e ao questionamento da complexidade do mundo, Reclus (1911, t. II, p. 183) faz forte crítica ao senhor Drapeyron, fundador da *Revue de Géographie*, dizendo que seu ponto de partida ao ensino de geografia é muito mal selecionado, pois começa pela topografia e não pela cosmografia, isso é, ele compreende a ciência de maneira estreita, pois

La vie ne s’accommode pas de ces modes arbitraires d’enseignement. Or la science doit être un chose vivant; sinon, elle n’est qu’une misérable scolastique. Comme une plante qui va puiser au loin sa nourriture par toutes ses racelles aussi bien que par les pores de ses feuilles, la géographie doit commencer par tout à la fois: cosmographie, histoire naturelle, histoire, topographie. La nature ambiante est une immense synthèse qui se présente à nous dans tout son infini et non partie par partie, à nous de distinguer peu à peu les éléments divers de cet ensemble confus en apparence. C’est ainsi que l’enfant, se servant de tous ses sens à la fois, apprend peu à peu à reconnaître tout ce qui l’entoure. Le grand art du professeur, qu’il soit professeur de géographie ou de toute autre science, est précisément de savior montrer tout dans tout et de varier à l’infini

⁴ “alguns dias em Genebra onde nessa municipalidade solicitou-me a necessidade de dar um curso. Escolhi como sujeito de minhas conferências ‘o Mediterrâneo e os Povos de sua bacia’. É um curso de geografia aplicada à história”.

les points de vue, afin de tenir toujours l'esprit en éveil et de lui faciliter inoessamment de nouvelles conquêtes.⁵

Esse fértil período na Suíça possibilitará na produção de 15 do total de 19 volumes de sua *Nouvelle Géographie Universelle*, obra que porta importantes contribuições ao saber geográfico, realiza o trabalho de atualização dos estudos científicos da época, goza de categorizada distribuição de análises e de informações, além de ter em seu discurso a permanência heterodoxa da análise libertária, principalmente no campo da abordagem da geografia política de todas as partes do mundo, traço principal desta obra. Por sua vez, não foi escrita com linguagem inacessível, tautológica, ou tomada de academicismo retórico, mas com linguagem simples, envolvente e clara, na qual Reclus almejava que ela chegasse a maior quantidade de pessoas possível, principalmente como forma de desvendamento do espaço, na relação da terra com os homens, para os trabalhadores que estavam engajados na luta social. Por isso foi publicada em pequenos fascículos, custando um preço irrisório, conseguindo chegar às mãos das organizações de trabalhadores ácratas que a utilizavam como importante fonte de desvendamentos das máscaras sociais e do poder no território, conforme descreve Ferretti (2013).

Além de ter se envolvido com a produção de sua mais extensa obra dedicada a descrição universal da Terra pela geografia, Reclus produziu também diversos outros trabalhos menores, como artigos e conferências, conforme pode ser notado na compilação realizada por Danielle Ronco (2010). Quando ainda estava preso publicou alguns trabalhos relacionados à luta pela democracia e a temas abolicionistas penais, sendo este marcado por empolgante posicionamento ácrata sobre as prisões e as penas de morte. No curto escrito intitulado de *Pena de Morte*, Reclus (2011b, p. 93) logo no início afirma que “a origem da pena de morte, tal como atualmente é aplicada pelos Estados, é decerto a vingança, a vingança sem medida, tão terrível quanto possa inspirá-la o ódio”. Consequentemente, esse ódio e essa vingança reproduzem-se, da mesma forma em que mostrou Foucault (1987), empossado de momentos libertários, na qual investigou os males do controle e da punição transfigurados nas prisões castigadoras, Reclus (2011b, p. 96) argumentou de forma semelhante que “é em torno dos cadafalsos e nas prisões que se formam os assassinos e os ladrões. Nossos tribunais são escolas do crime”. Para ele, a solução reside na justiça social, na ampla distribuição de renda, pois “ao direito da força, que prevalece na natureza selvagem, é tempo de fazer suceder a justiça, que é o ideal de todo homem digno desse nome” (RECLUS, 2011c, p. 99).

⁵ A vida não se acomoda nestes modos arbitrários de ensino. Porém, a ciência deve ser uma coisa vivaz; senão, ela é somente uma miserável escolástica. Como uma planta, que vai buscar longe seu alimento por todas as suas raízes, assim como pelos poros de suas folhas, a geografia deve começar por toda parte ao mesmo tempo: cosmografia, história natural, história, topografia. A natureza ambiente é uma imensa síntese que se apresenta a nós em toda sua totalidade e não parte por parte, a nossa tarefa é distinguir pouco a pouco os elementos diversos deste conjunto confuso em evidência. É assim que a criança, se servindo de todos seus sentidos ao mesmo tempo, aprende pouco a pouco reconhecer tudo isso que a envolve. A grande arte do professor, que seja professor de geografia ou de qualquer outra ciência, é precisamente saber mostrar tudo em tudo e de variar ao infinito os pontos de vista, a fim de ter sempre o espírito alerta e de facilitar-lhe sem embaraço novas conquistas.

A editora Hachette publicou o primeiro volume da síntese de *La Terre*, que ficou intitulado como *Les Phénomènes Terrestres*, que de síntese tem muito pouco, além de ter ocorrido diversas publicações em outras línguas de seus trabalhos. Mas em 1872, quando saiu da prisão, o geógrafo anarquista publicou excelente trabalho em defesa dos camponeses, com contribuição pouco aproveitada pela geografia agrária radical de base marxista, denominado de *A Mon Frère le Paysan*. Neste paradigmático artigo, publicado no periódico *Les Temps Nouveaux*, de suma importância para a geografia agrária hoje, Reclus (2011a, p. 83 e 91) vai buscar demonstrar o quanto mantém sua adesão em defesa da revolução social pela luta de classe ao evocar seus irmãos camponeses para a luta.

Evitai essa morte a qualquer preço, camaradas. Conservai com desvelo vossa terra, vós que tendes um pedaço; ela é vossa vida e aquela da mulher, dos filhos que amais. Associais-vos aos companheiros cujas terras estão ameaçadas como a vossa pelos usineiros, pelos amantes da caça, pelos agiotas; esquecei todos os vossos pequenos rancores de vizinho a vizinho, e agrupai-vos em comunas onde todos os interesses sejam solidários, onde cada tufo de grama tenha todos os comunais por defensores. [...] Com essas pessoas, atacareis, derrubareis as muralhas desses domínios; com elas, fundareis a grande comuna dos homens, onde trabalhareis de concerto para vivificar o solo, embelezá-lo e viver felizes sobre essa boa terra que nos dá o pão.

No mesmo ano publicou seu *Quelques Mots sur la Propriété*, trabalho que marcou a fase transicional entre anarco-coletivismo e anarco-comunismo, ensejando vetores de amadurecimento da concepção anarquista reclusiana permeada pelo discurso geográfico. Já no ano de 1894, será publicado com título quase homônimo, seu *Quelques mots d'histoire*, outro também paradigmático artigo de incrível texto, em que é abordada as transformações históricas do espaço geográfico, antecipando o debate espaço-temporal, do meio técnico e do sistema-mundo. Neste texto, Reclus (2010a, p. 80) evidencia os sintomas do processo de uniformização das culturas e da integração dos espaços pelos níveis técnicos, na qual a civilização estava caminhando para “fusão das histórias locais em história universal” e a diluição das fronteiras, universalizando os espaços e os tempos, conforme pode ser notado no trecho abaixo.

Agora a história é aquela do mundo inteiro: ela desenvolve-se em torno de Seul e nas margens do golfo Petchili, nas florestas profundas do Congo e nos planaltos abissínicos, nas ilhas de Sonda e nas Antilhas bem como em todos os lugares famosos outrora considerados como os “umbigos” do grande corpo terrestre. [...] Só em nossos dias a história pode dizer-se “universal” e aplicar-se a toda a família dos homens. [...] As fronteiras convencionais, sempre incertas e flutuantes, apagam-se gradualmente, e, sem desejá-lo, o patriota mais ardente torna-se cidadão do mundo: malgrado sua aversão pelo estrangeiro, malgrado a aduana que o protege contra o comércio com o exterior, malgrado os canhões afrontados dos dois lados da linha-tabu, ele come o pão que lhe vem da Índia, bebe um

café colhido por negros ou malaios, veste-se com tecidos feitos com a fibra enviada da América, utiliza invenções devidas ao trabalho combinado de mil inventores de todos os tempos e de todas as raças, vive sentimentos e pensamentos que milhões de homens vivem com ele de uma extremidade à outra do mundo (RECLUS, 2010a, p. 81).

Em 1873 saíram outros trabalhos reclusianos relacionados estritamente à geografia em renomadas revistas especializadas, e um sobre o internacionalismo na revista *Almanach du "Peuple"*, importante periódico Internacionalista libertário. Em 1876 foi publicado o primeiro volume de *Nouvelle Géographie Universelle*, diversos outros trabalhos especializados entre os anos de 1873 e 1877, além de artigos ácratas. O ano de 1878 representa o caráter heterodoxo da produção teórica de Reclus, com trabalhos sínteses sobre a anarquia, no exercício de evolução e organização dessa forma política de ver a sociedade, como exemplo de: *A Propos de L'Anarchie* e *L'évolution Légale et L'Anarchie*, os dois no periódico socialista libertário *Le Travailleur*. Por outro lado, importantes trabalhos críticos da noção de oriente e à geografia política nos estados Unidos.

Em 1880 é importante mencionar três trabalhos de Reclus que compuseram esse movimento de formação ininterrupto de seu pensamento: a conferência *Évolution et Révolution*, e o artigo da imprensa juraciana e da revista *Le Révolté: Ouvrier, Prends la Machine! Prends la Terre, Paysan!*, e o livro *Histoire d'une Montagne*. Os dois primeiros artigos são fundamentos do anarquismo comunista, sendo o primeiro uma resposta de Reclus ao que ele entende por Revolução, como a evolução é fundamental a esse processo e como a luta restrita somente a evolução limita a revolução social, pois se converte em evolucionismo.

Ele mostra que a necessidade de cautela, de organização e ao mesmo tempo da espontaneidade e do espírito de revolta são fundamentais para que se alcance a revolução social, podendo fazer um esforço de aproximação ao que Camus (2003) definiu, cinquenta anos mais tarde, como *medida e desmedida*, ressaltando, claramente, que o escritor e filósofo franco-argelino negava a ideia de revolução, por se posicionar em favor exclusivamente da revolta.

Essa conferência do geógrafo francês sobre evolução e revolução se transformará mais tarde em importante livro de Reclus (2002), denominado de *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*, trabalho em que demonstra maior maturidade no que diz respeito à luta revolucionária, faz interessante distinção entre evolução e evolucionismo darwiniano, e mostra a necessidade de valorizar o ideal comunista do anarquismo, rompendo com certos elementos do coletivismo bakuniano.

Já no artigo *Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan!* Publicado no periódico anarquista, *Le Révolté*, Reclus convoca tanto os operários da indústria como os camponeses a lutarem contra o modelo capitalista explorador. Ele defende a profunda ligação entre operariado e campesinato, hoje tão reivindicada, mas que antes foi profundamente descaracterizada, em virtude de a geografia marxista ter abdicado dessa integração clássica, pois alinhada ao marxismo mais ortodoxo, via no campesinato uma

espécie de pequena burguesia, culminando na perseguição operada por Lenin e o posterior governo soviético, à revolução social na Ucrânia construída por Nestor Mackno (2001), por exemplo, que era eminentemente libertária e campesina e foi expressamente aniquilada pelo regime totalitarista da União Soviética.

Em *Histoire d'une Montagne*, excelente trabalho que apresenta a montanha como protagonista e sua relação com o ser humano que dela vive, Reclus segue a mesma metodologia da *Histoire d'un Ruisseau*, obra de 1869, na qual o autor também abordou história do fenômeno físico da gota até a foz. De forma semelhante, a história de uma montanha também será direcionada ao ensino de geografia, com a proposta de lançar o aluno sobre o universo complexo e dinâmico de uma estrutura geológica tão imponente, demonstrando as diversas geografias impressas nos degraus de altitude da montanha, da base até o cume.

Quase ao mesmo tempo em que Reclus (1882) leva seu homem para a montanha, Nietzsche (2011) leva o Zaratustra também para lá, mas de forma diferente. É importante destacar que, *Histoire d'une Montagne* foi publicada primeiramente em 1880, e *Assim Falou Zaratustra*, em 1883. Na obra de Reclus encontra-se profunda consideração sobre essa forma geográfica, sua dinâmica, sua força, sua atuação enquanto provedora de geograficidade singular, e mostra as formas de vida dessa configuração física, e ainda explícita como o homem inter-relaciona com suas leis, e como ele se engrandece, se reencontra consigo mesmo, para no final, retornar ao mundo da urbanidade.

De forma semelhante ao Zaratustra, o homem de Reclus também se encontrava triste e foi buscar na reclusão da montanha formas de reconciliar consigo mesmo, com a natureza e com o mundo, almejando reconstruir sua consciência do eu-no-mundo, negando a hipocrisia de diversos valores morais, as mazelas e a dissolução que a sociedade embrutecida operava na autonomia do indivíduo de espírito livre. Ainda no plano de comparação com o Zaratustra, o homem de Reclus também retorna da montanha profundamente feliz e transformado.

J'étais triste, abattu, las de la vie. La destinée avait été dure pour moi, elle avait enlevé des êtres qui m'étaient chers, ruiné mes projets, mis à néant mes esperances [...]. L'humanité tout entière, avec ses intérêts en lutte et ses passions déchaînées, m'avait paru hideuse. Je voulais à tout prix m'échapper, soit pour mourir, soit pour retrouver, dans la solitude, ma force et le calme de mon esprit⁶ (RECLUS, 1882, p. 1).

Mas esse importante livro de Reclus não é marcado somente por linguagem figurada e de certa forma literária, ou possivelmente filosófica, ao passo que busca debater a condição humana frente sua relação com o mundo. É um texto que merece grande

⁶ Eu estava triste, abatido, cansado da vida; o destino havia sido duro comigo, arrebatando-me seres que me eram queridos, arruinando meus projetos, aniquilando minhas esperanças [...]. A humanidade inteira, com a luta de seus interesses e suas paixões desenfreadas, me parecia hedionda. Queria escapar a todo custo, para morrer, para recobrar na solidão, minhas forças e a tranquilidade de meu espírito.

atenção pela geografia, merece ser revisto e melhor trabalhado no ensino de geografia em decorrência de apresentar profunda análise física da montanha, perpassando por considerações geológicas, geomorfológicas, a conformação estrutural do acidente geográfico em questão, a dinâmica hídrica que dela se forma. Além disso, e o mais importante, discute os diferentes gêneros de vida que se formam diante e sobre as montanhas, identificando as diferenças entre os grupos humanos postados nos degraus de uma altitude para a outra, na qual muda a forma de cultivo e a criação de animais, até mesmo a relação com o mundo da não montanha e seus condicionamentos políticos e sociais do espaço plano.

Reclus vai buscar esse profundo conhecimento e transformá-lo nesse livro, em virtude da larga experiência que teve como montanhista, seu esporte predileto, que acreditava ser necessário para todas as pessoas que buscavam melhorar enquanto seres humanos, conforme destaca em *Do Sentimento de Natureza na Sociedade Moderna* (RECLUS, 2010c), além de seu forte envolvimento com os revolucionários montanhistas que viviam na região do Jura, na Suíça, momento que conseguiu aliar luta política com experiência natural, conformando sua singular forma de pensamento geográfico.

Este pequeno livro é constituído de doze capítulos, com cerca de duzentas páginas no total, abordando desde o exílio do homem para a montanha, como as várias formas geológicas, os cumes, os vales, a estrutura mineralógica das rochas, além de demonstrar como a montanha origina-se, se forma e se desenvolve e como ela se transforma através dos processos erosivos e os movimentos de massa.

Ainda está expresso nesse modesto livro considerações sobre os regimes hidrológicos e o sistema das neves na montanha, a variabilidade da vegetação que se desenvolve em decorrência da altitude, da inclinação, do clima e da qualidade do solo, como consequência disso, as formas de vida típica desse fenômeno geográfico, os escalonamentos climáticos e os gêneros de vida humanos que deles coexistem, além de um capítulo especialmente dedicado ao montanhês livre, evocando a relação transcendental entre a liberdade do homem e a natureza, principal responsável para essa condição autonomista do espírito livre.

No final, não satisfeito, Reclus dedica a conclusão do livro para o tema do homem, fechando o ciclo com seu retorno a superfície exterior desse microcosmo significativo, demonstrando como esse discreto escrito é uma extraordinária aula de geografia, porque aborda diversos temas, conceitos e fenômenos geográficos usando somente um único elemento material e simbólico: a montanha.

No plano epistemológico e metodológico Reclus se utilizará da corografia de Humboldt, seguindo a metodologia holística do micro ao macro, sob o viés teórico do romantismo amalgamado à metafísica da natureza e dos humanos. Comparou o fragmento de rocha da montanha e seu processo de formação à dimensão do cosmo, buscando demonstrar que na lógica cósmica essencialmente complexa congregam-se todas as relações dinâmicas da *physis*, sendo o ser humano a natureza autoconsciente dessa universalidade transcendental, mas que nele reside todo o fundamento da imanência

existencial, por estar sempre apregoada da realidade material cósmica, demonstrando a necessidade de superação da transcendentalidade kantiana na geografia que herdou de Ritter e de Humboldt pela imanência materialista das relações humanas com o meio.

Ainsi, jusque dans sa plus petite molécule, la montagne énorme offre une combinaison d'éléments divers qui se sont mélangés en proportions changeantes; chaque cristal, chaque minéral, chaque grain de sable ou parcelle de calcaire, a son histoire infinie, comme les astres eux-mêmes. Le moindre fragment de roche a sa genèse comme l'univers; mais, tout en s'entraïdant par la science les uns des autres, l'astrologue, le géologue, le physicien, le chimiste, en sont encore à se demander avec anxiété s'ils ont bien compris cette pierre et le mystère de son origine⁷ (RECLUS, 1882, p. 39).

De 1882 a 1889 Reclus publicou novos artigos em periódicos especializados em geografia como também outros em periódicos anarquistas. Mas os trabalhos que mais merecem destaque são *Les Produits de la Terre*, da federação do Jura, e *Les Produits de L'Industrie*, no periódico *Le Révolté*. Todos esses dois trabalhos, dentre muitos outros, conforme será destacado à frente, são exemplos básicos de composições anarquistas da geografia, e também são iniciais apresentações de geografia anarquista.

Já os trabalhos *À Propos d'une Carte Statistique e Australasia* são importantes contribuições sobre a definição de parâmetros metodológicos de representação espacial e da regionalização do globo, como diversos outros trabalhos dedicados ao que se convencionou chamar de monografias regionais, abordando regiões da África, Ásia, extremo norte da Europa.

Em 1882 é iniciada forte repressão contra os anarquistas em decorrência de ter ocorrido alguns atentados e conflitos que tentavam confrontar a situação de crise econômica que a Europa estava vivendo, principalmente no campo da indústria e da agricultura. Mais de sessenta anarquistas foram presos e condenados, Reclus e Kropotkin saíram em defesa desses irmãos de luta, e por isso, foram acusados de mentores e chefes desse movimento rebelde. Kropotkin foi expulso da Suíça e depois foi preso em 21 de dezembro, e sentenciado a cinco anos prisão. Reclus foi ameaçado novamente de prisão, mas continuou denunciando os abusos de autoridade e os horrores da repressão estatal.

Para amenizar a pressão que estava sofrendo foi forçado pela editora Hachette a fazer novas viagens, assim viajou pelo Egito, Tunísia e Argélia, onde passou a voltar diversas vezes, pois sua filha mais velha residia lá. Em 1885 ele viajou para Istambul, percorreu diversas partes da Ásia Menor e atravessou a Hungria, onde se encontrou com seu amigo Attila de Gerando, húngaro e grande colaborador dos seus trabalhos de

⁷ Assim, até na sua menor molécula, a enorme montanha oferece uma combinação de elementos diversos que se misturaram em proporções transformadoras; cada cristal, cada mineral, cada grão de areia ou fragmento de calcário tem sua história infinita, como os astros em si mesmos. O menor fragmento de rocha tem sua gênese como a do universo; mesmo, toda a ciência cooperando entre si, a astrologia, a geologia, a física, a química, elas estão ainda se perguntando ansiosas se têm satisfatoriamente compreendido esta pedra e o mistério de sua origem.

geografia sobre a região. Na mesma época Élisée preparou o volume sobre a África e América do Sul. Frequentou assiduamente a biblioteca de Lisboa, Madrid e Barcelona, e aproveitou para encontrar com companheiros ibéricos. Em 1886 passou por Nápoles, andou pelo leste europeu, e chegou em 1889 nos Estados Unidos, para sua segunda visita, e no Canadá, onde admirou o grau de transformação do espaço desses novos mundos. Absorveu muitas informações na biblioteca dos Estados Unidos, retornando com alegria a visitar o lugar em que viveu em 1855.

Conclusão

É possível notar que entre os anos de 1872 a 1889 a vida de Reclus esteve envolvida por intensa atividade de pesquisa, teórica e de produção científica. Ao mesmo tempo, no mesmo período o geógrafo revolucionário se envolveu com diversas manifestações radicais da época. Mas o fator que melhor deve ser destacado é seu envolvimento com inúmeros nomes de anarquistas, que imbuídos pela causa revolucionária, também se aprontaram em produzir uma geografia engajada e anticolonial, que destoasse das tradicionais escritas nacionalistas, a serviço dos Estado-Nações.

Referências

CAMUS, A. *O homem revoltado*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERRETTI, F. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas entre ciência e militância. *Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo*. 11 a 14 de novembro de 2013. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2013.

FERRETTI, F. *L'Occidente di Élisée Reclus: l'invenzione dell'Europa nella Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)*. Tesi (Dottorato diricerca in Storia e Geografia d'Europa). Universités de Bologne - Almamater Studiorum et Paris 1 Panthéon – Sorbonne. Dipartimento di Discipline Storiche, Antropologiche e Geografiche; UMR 8504 Géographie-Cités, Equipe E.H.GO Épistémologie et Histoire de la Géographie. Paris: Sorbone, 2011, 560 f.

FERRETTI, F., PELLETIER, P. “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. *Revista Território Autônomo*, nº 2, Outono de 2013, p. 5 - 16.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: História das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIBLIN, B. Introducción y selección de textos. In.: RECLUS, E. *El hombre y la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

KROPOTKIN, P. *Champs, usines et ateliers*. Ou l'industrie combinée avec l'agriculture, et le travail cerebral avec le travail manuel. Paris: STOCK, 1910.

KROPOTKIN, P. *La conquête du pain*. Paris: Tresse; Stock, 1892.

KROPOTKIN, P. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: Ícone. Imaginário, 2005.

LOURENÇO, A.; BUEN, O. de. La geografía de un anarquista. In.: RECLUS, E. *El hombre y la tierra*. 8 vol. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, 34 pgs.

MAKHNO, N. *A revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Imaginário. Nu-Sol, 2001.

NETTLAU, M. *Eliseo Reclus (1830 – 1905): la vida de un sábio justo y rebelde*. Barcelona: Biblioteca de la Revista Blanca, 1928.

NETTLAU, M. *História da anarquia*. Das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELLETIER, P. La grande séparation à reabsorber et l'occident vus par Élisée Reclus. In.: ARNAU, X. et. al. (éds.). *Ciència i Compromís Social. Élisée Reclus (1830 – 1905) i la Geografia de la Libertat*. Barcelona: Publicaciones de la Residència D'Investigadors, 2007, p. 51 - 92.

PINTO, J. V. C. *Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia*. Tese (doutorado) geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciência e Tecnologia – FCT. Presidente Prudente: UNESP, 2015, 527 f.

RECLUS, É. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.

RECLUS, É. A meu irmão camponês. In.: COÊLHO, P. A. *Élisée Reclus – Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011a, p. 81 - 91.

RECLUS, É. A pena de morte. In.: COÊLHO, P. A. *Élisée Reclus – Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011b, p. 93 – 99.

RECLUS, É. *Algumas palavras de história*. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010a.

RECLUS, É. *Correspondance*. Octobre 1870 – Juillet 1889. Tome 2. Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911.

RECLUS, É. *Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo*. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010b.

RECLUS, É. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010c.

RECLUS, É. *Histoire d'une montagne*. Paris: Bibliothèque d'éducation et de récréation, 1882.

RECLUS, É. *Nouvelle géographie universelle*. La terre et les hommes. Tome 6. L'Asie Russe. Paris: Hachette, 1881.

RONCO, D. *Bibliografia di Élisée Reclus*. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).

SARRAZIN, H. *Élisée Reclus, ou, la passion du monde*. Paris: La Découverte, 1985.

Nota

Este trabalho foi extraído e adaptado de parte do capítulo 2, intitulado “A formação do pensamento geográfico de Élisée Reclus”, presente na tese “Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia”, orientada pelo professor Dr. Eliseu Savério Sposito, defendida em 2015, na UNESP de Presidente Prudente.

José Vandério Cirqueira

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás. É professor efetivo do Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, onde atua no Ensino Médio Técnico Integrado e na Licenciatura em Geografia.

Av. Cedro, AE 15 QS 16 Riacho Fundo – DF - CEP 71.828-00.

E-mail: jose.vanderio@ifb.edu.br

Recebido para publicação em janeiro de 2019

Aprovado para publicação em abril de 2019